

QUINTAIS AGROECOLÓGICOS CONQUISTAM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Segurança alimentar para os mais vulneráveis com o uso da força da terra

Carlos Henrique de Souza Ramos



Quintais representam um espaço para prosa, troca de mudas e descanso; o projeto acrescentou a estes fatores a utilização de princípios agroecológicos. O resultado é um sistema que possibilita a produção de alimentos saudáveis a partir de processos produtivos coerentes com os recursos naturais disponíveis.

Capa Controle fitossanitário com extrato de plantas locais

A relevância do trabalho com os quintais agroecológicos reside em ser uma conquista face ao desafio de produzir hortaliças, frutas e ervas medicinais em ambiente semiárido. A intervenção introduziu o uso de estruturas hídras de captação de água pluvial em combinação com um trabalho social de conscientização. Preponderantemente mulheres e jovens se tornaram protagonistas do processo e do sucesso, gerando renda e contribuindo com a segurança alimentar e nutricional das famílias. A iniciativa – um dos elementos do Projeto Gente de Valor – enfatizou um enfoque agroecológico e de convivência com o semiárido, ampliando a construção do conhecimento de ambos, notadamente para projetos de superação da pobreza em comunidades rurais.

O enredo e os protagonistas do sucesso

O Projeto – com período de execução compreendido entre 2006 e 2012 – foi executado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), com recursos do Governo do Estado da Bahia e do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, FIDA.

Cinco anos mais tarde, em junho de 2017, a equipe técnica visitou alguns quintais agroecológicos dos beneficiários, uma amostra dos grupos de interesse formados pelo Gente de Valor na Bahia. Falamos

com cinco das famílias de agricultores residentes nos municípios de Poções, Mirante e Chorrochó, nas comunidades de Craúno, Barra do Engano e Poço Doce, respectivamente. A visita fez parte da coleta de informações para a Oficina de Capitalização de Experiências realizada em Moçambique em maio e julho deste mesmo ano. Juntos, repassamos todo o processo. Segue aqui a análise resultante.

Para o deslanche do trajeto, desenvolvemos ensaios agroecológicos em torno de produção e conservação ambiental coerentes com o ecossistema local. Estes quintais agroecológicos foram pilotos para o desenvolvimento de assistência técnica e produção de material para a criação de pequenas hortas voltadas à produção de ervas, frutas, verduras e outros alimentos. A seguir vieram os investimentos na organização de cadeias produtivas selecionadas como potenciais. Por fim ocorreu a construção de infraestruturas hídras para armazenamento de água das chuvas, de forma a permitir o abastecimento durante os longos períodos de estiagem. As ações de transformação dos sistemas produtivos foram expressão das estratégias fundamentais do projeto, concretizando a melhora da alimentação das famílias, como também possibilitando a comercialização dos excedentes.

O regador sai de cena

A primeira linha de ação consiste na implantação de estrutura composta por quatro cisternas com capacidade de armazenar 5m³ de água pluvial. Simultaneamente, foi construído um viveiro totalmente telado com sombrite, para proteger três canteiros internamente econômicos. Uma lona plástica ao fundo tinha a função de evitar a percolação da água; sobre lona se coloca o substrato. Entre o substrato e a lona foram colocados tubos de PVC de uma polegada e com furos em toda a sua extensão, onde o produtor despejava água para a irrigação subterrânea dos canteiros.

A segunda linha foi a produção de hortaliças seguindo conceitos agroecológicos: produção local de insumos, armazenamento e recolhimento de esterco, confecção de compostagem e, em alguns casos, produção do húmus de minhoca. Adotamos o princípio do companheirismo de plantas. (Este consórcio com suas interações alelopáticas constitui alternativa ao uso de herbicidas, inseticidas e nematicidas, mediante a ação de substâncias provenientes do metabolismo secundário das culturas.) Complementarmente, viabilizamos outras escolhas como a preparação de soluções à base de folhas, frutos e sementes de plantas que contêm princípios ativos repelentes ou prejudiciais a insetos que possam causar danos econômicos. A irrigação se deu mediante retirada da água da cisterna com uso de balde e aplicada aos canteiros com regador. A utilização de cobertura inerte e de telado do viveiro contribuíram para reduzir o consumo de água por evaporação.

A terceira linha de ação constituiu o consumo e a comercialização dos excedentes nas feiras livres ou

diretamente nas comunidades. O Projeto Gente de Valor financiou barracas padronizadas e desmontáveis, bem como os utensílios necessários para a comercialização. Vale salientar que cada família foi preparada para fazer o planejamento da produção, adequando o espaço dos canteiros para satisfazer a demanda controlando a época de semeadura de formas a evitar sazonalidades.

Todo o processo obedeceu ao rito metodológico da obra de Paulo Freire. Oficinas com os grupos de interesse foram realizadas para decodificar o tema gerador da intervenção. (“Codificação” representa uma maneira de viver dos agricultores sem consciência da sua existência ou do significado contextual da mesma. A decodificação, por outro lado, consiste no conhecimento que lhes possibilita identificar a sua não consciência ou a consciência que tinha anteriormente. Os agricultores passam a se reconhecer como seres transformadores do mundo, importantes na sociedade em que vivem enquanto desenvolvem uma visão crítica sobre ela.) Com isto, as comunidades desenvolveram consciência crítica sobre a segurança alimentar, geração de renda, relações de gênero, produção com princípios agroecológicos e meio ambiente. Os beneficiários seguiram capacitações modulares preparatórias específicas para cada uma das linhas de atuação.

Atuando neste palco permeado de vulnerabilidades

O semiárido nordestino, onde estão inseridas as comunidades que participam deste projeto, é uma das regiões mais vulneráveis à variabilidade atual e mudança futura do clima no país. As atividades

O semiárido nordestino, onde estão inseridas as comunidades que participam deste projeto, é uma das regiões mais vulneráveis à variabilidade atual e mudança futura do clima no país.



Acima A ideia é regar a superfície apenas nos primeiros dias

agrícolas estão fortemente limitadas por padrões de precipitação insuficientes e pouco confiáveis, concentradas em poucos meses e com níveis de evapotranspiração elevados.

Outra agravante é o índice de desnutrição de crianças menores de cinco anos acompanhadas pelas condicionalidades de saúde. Os municípios em questão são portanto classificados como em estado de vulnerabilidade no que tange à segurança alimentar e nutricional, particularmente na zona rural.

Nesse contexto permeado de vulnerabilidades, estudos preliminares constataram a carência de preparo para convivência com o semiárido nas famílias integrantes do projeto, onde o estoque de água na propriedade é fundamental para produção de alimentos que satisfaçam as exigências nutricionais das famílias. A intervenção do projeto se deu, portanto, na utilização desse espaço ao redor do domicílio rural, chamado quintal, por

constituir-se em um agro ecossistema complexo, apostando em uma produção diversificada de frutas e alimentos capaz de complementar de forma significativa a dieta alimentar das famílias. A agro biodiversidade medida e observada nos quintais agroecológicos chegou a 43 espécies cultivadas. Essa diversidade possibilitou a segurança alimentar e potencializou o equilíbrio do agroecossistema regional.

Sob uma ótica ecológica, a intervenção vem causando impactos negativos mínimos aos ecossistemas, além de interagir com a preservação das raízes endógenas durante a modernização dos sistemas agrícolas. Do ponto de vista social, os quintais contribuíram para o aumento e a distribuição de bens e renda, que podem ajudar na redução de desigualdades sociais. Constatamos que as atividades permanecem, apesar do Projeto ter cessado há cinco anos.

“Eu cresci o quintal mais um pouquinho, tem feijão que eu já tô pegando pra comer, tem melanciaira, tem abobreira, tem jerimum. Já plantei até uns pés de árvore que já tá aqui assim. Tá bom...”

(Gerôncio, Chorrochó-BA)

Entretanto, vale salientar que as famílias deveriam ter priorizado mais as interações alelopáticas entre plantas. Deste modo ficariam as ações curativas, ainda que naturais, apenas para casos extremos de desequilíbrio do subsistema. O consumo de água mostrou alta eficiência, importantíssimo item numa região onde a escassez de água representa o principal obstáculo para a produção agrícola. Estocar é preciso. Aqui as cisternas representam uma marcante tecnologia social, em que pese que 20 m³ estocados satisfizeram as necessidades de consumo e irrigação por um período de 6 a 8 meses no ano. Apesar do sistema de irrigação proposto pela intervenção ser de fácil manejo, a gestão da água estocada ocorreu de forma diferente entre as famílias. A média gasta girou entre 60 e 90 litros de água por dia, enquanto 30 l/dia seriam suficientes.

O desperdício decorre da crença que a água disponibilizada apenas na forma subterrânea, através dos tubos, não é aproveitada plenamente pelas plantas – resultando em rega superficial adicional.

A eficiência da experiência se revelou através de custo de produção ser praticamente só de mão-de-obra. As famílias obtêm uma receita que representa 30% dos ganhos totais, considerando-se que dois terços são obtidos nas vendas dos produtos e um terço é consumido na dieta familiar, sem contar que proporcionou novos tipos de alimentos na dieta e ofertou alimentos saudáveis aos consumidores.

“O coentro que eu plantei eu molhava assim... só no cano[...] eu molhava hoje, passava hoje, amanhã, depois é que eu ia molhar. No meu coentro a raiz era grande”

(Vilanir, Chorrochó-BA)

Quanto à inclusividade, a série de atividades nos quintais agroecológicos alterou as relações de gênero nas famílias, onde historicamente o trabalho da mulher não tem visibilidade. Considerada como “ajuda”, ela vive numa relação subalterna ou de coadjuvante. Apesar do quintal envolver todos os membros da família, as mulheres assumem nele o protagonismo: consideram a adaptação agroecológica e, nos usos culinários, o valor nutritivo e o sabor dos alimentos cultivados. Além disto, para estimular a produtividade, as mulheres realizam constantemente diversos experimentos de adaptação de variadas espécies, optando por aquelas que apresentam um melhor desenvolvimento em conformidade com as condições dos seus quintais. Passam pelo menos duas horas do seu dia em contato direto com o quintal e majoritariamente administram as receitas obtidas com a comercialização dos excedentes, que utilizam para comprar necessidades da família.

A participação dos jovens ainda é tímida. Justificam-se com atividades escolares e se negam trabalhar nos quintais, como se fosse um trabalho menor, que não lhe diz respeito. Fato é que a escola nem sempre utiliza conteúdos que incentivem o envolvimento dos jovens nas atividades agropecuárias, não contextualizando o currículo escolar.

“... Com dinheiro que eu ganho com a horta, eu controlo nos gastos da casa...”

(Daiane, Poções-BA)

“O meu menino me ajuda a vender, vai na moto comigo...”

(Marlene, Mirante-BA)

Por fim, analisamos a replicabilidade dos quintais agroecológicos. Tradicionalmente, os agricultores familiares incorporaram práticas após avaliação do custo de implantação, da praticidade do manejo, da simplicidade do sistema como um todo e da sua identificação com a sua cultura. Os quintais representam um espaço engendrado na memória das famílias como local de acolhimento, alegria, prosa entre vizinhos, reunião da família, solidariedade na troca de material genético entre vizinhos, de contato com a natureza e de descanso. O projeto acrescentou à



estes fatores a utilização dos princípios agroecológicos e da convivência com o semiárido adotados pelo Projeto Gente de Valor. O resultado é um sistema que permite a produção de alimentos saudáveis a partir de processos produtivos coerentes com os recursos naturais disponíveis, colocando os produtos dos quintais em vantagem em relação aos convencionais.

Acima Troca de plantas entre vizinhas

Destaques para as próximas estações

A manutenção da tecnologia dos canteiros econômicos, tal como o assessoramento técnico contínuo e acompanhamento sistemático são os aspectos que merecem destaque. Alicerçaram-se em paradigma e metodologia de capacitações e decodificação dos temas geradores; na organização dos agricultores em grupos de interesse – bem como das comunidades – compondo um território rural e trabalhando conforme enfoque agroecológico.

Entretanto, deve ser considerado que a replicabilidade de ações de programas de desenvolvimento para um público que se encontra abaixo da linha da pobreza requeira quase sempre aportes de serviços e de políticas públicas, através de investimentos em atividades finalísticas acompanhadas de um serviço contínuo e qualificado de assessoramento técnico.

A partir dos resultados, recomendamos a promoção de intercâmbios entre famílias e entre comunidades para troca de experiências e informações.

Este assessoramento deve priorizar a experimentação local com o companheirismo entre plantas a partir do subsistema quintal, porquanto a agroecologia pode contribuir na busca do equilíbrio do agro ecossistema em cada quintal, a unidade produtiva familiar. O fundamental é que os processos de fomento do conhecimento do agro ecossistema da unidade de produção familiar sejam estabelecidos a partir do saber local, fazendo uso de metodologias simples como as rodas de aprendizagem, envolvendo as famílias de cada território rural.

Nos territórios, vale selecionar determinados quintais para que sirvam como ensaios agroecológicos, onde se experimente com práticas como: dimensionamento da quantidade de água e de diversos substratos, utilização de minhocário para a produção de húmus, disposição dos consórcios e utilização de plantas em busca das melhores interações capazes de manter o subsistema em equilíbrio. Sendo a água um fator de vital importância, recomenda-se também a ampliação da capacidade de acumulação de água por família, bem como o tratamento de água cinza produzida no domicílio rural, mediante tecnologia específica para reuso nos quintais agroecológicos. A difusão,

conscientização e internalização de medidas que ajudam e economizar água devem fazer parte do assessoramento contínuo às famílias.

A partir dos resultados, recomendamos a promoção de intercâmbios entre famílias e entre comunidades para troca de experiências e informações sobre visualização da umidade no substrato, utilização de cobertura inerte e de telado. Finalmente, intercâmbios sobre possível constituição de redes de beneficiamento e comercialização da produção dariam celeridade à difusão de tão promissoras práticas.



Carlos Henrique de Souza Ramos

Coordenador de Desenvolvimento Produtivo e Mercado – Pró-Semiárido. CAR – Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, Salvador da Bahia, Brasil.

*E-mail: carlosramos@car.ba.gov.br ;
chenriqueros@yaho.com.*

Este é um dos resultados do processo iniciado pelo projeto “Capitalização de Experiências para Maior Impacto no Desenvolvimento Rural”, implementado pelo CTA, FAO e IICA, e apoiado pelo FIDA. <http://experience-capitalization.cta.int>

País: Brasil
Região: América Latina
Data: Junho 2017
Palavras-chave: Agroecologia,
semiárido, inovação no manejo de água